



Seminário de Sistematização do Conhecimento e Indicações de Manejo de Sempre-vivas em Diamantina, MG,

*Daniel Rios de M. Borges
Parna Sempre-Vivas
parnacv@yahoo.com.br*

Resumo

O Seminário de Sistematização do Conhecimento e Indicações de Manejo de Sempre-vivas em Diamantina, MG, realizado pelo ICMBio entre 23 e 24 de abril no Centro de Vocacional e Tecnológico de Diamantina (MG) reuniu 45 participantes de 17 instituições de ensino, pesquisa e gestão ambiental. O principal objetivo do seminário foi o de integrar pesquisadores e gestores ambientais para identificar ações necessárias para a promoção do uso sustentável de sempre-vivas na região de Diamantina.

Durante as apresentações, debates e grupos de trabalho que compuseram o seminário, a atividade extrativista de sempre-vivas na região foi contextualizada e foram identificados fatores importantes que devem ser considerados para a elaboração de propostas de uso sustentável e manejo destas plantas na região. Os participantes do seminário e as instituições ali representadas têm objetivos comuns relativos a: (i) a conservação da biodiversidade do Cerrado na região de Diamantina, dentro e fora de unidades de conservação de proteção integral; (ii) a melhoria da qualidade de vida de comunidades humanas que têm sua

subsistência baseada no uso direto de recursos naturais da região.

Para que sejam alcançados objetivos de conservação e melhoria da qualidade de vida das populações humanas na região, identificou-se que são necessárias ações que considerem a multiplicidade de atores envolvidos no processo bem como o contexto sócio-econômico e ambiental da região. Fatores como a titularidade e o acesso à terra, bem como restrições econômicas e legais associadas ao extrativismo devem ser consideradas para a proposição de formas de uso sustentável de sempre-vivas. A busca da valorização socioambiental das sempre-vivas e seus coletores é importante para promover a conservação da biodiversidade, dos meios de vida e dos saberes locais.

É clara a necessidade de diálogo tanto entre a academia e a gestão (como promovido por este seminário) quanto entre a academia, a gestão, e as diferentes partes da cadeia produtiva. Para que estes diálogos promovam avanços efetivos, a adequação de linguagem e a pactuação contínua de objetivos comuns são necessárias. O contexto de múltiplos atores, formas

diversificadas de extrativismo e venda das sempre-vivas na região de Diamantina deve ser levado em consideração. Aspectos essenciais devem ser considerados para diferenciar as estratégias de conservação, como por exemplo, considerar separadamente:

- (i) o extrativismo para a confecção de artesanato do extrativismo para venda no mercado atacadista;
- (ii) o extrativismo de espécies criticamente ameaçadas, especialmente as de endemismo restrito, do extrativismo de espécies comuns não ameaçadas e/ou que são cultivadas.

Atualmente, não há uma proposta concreta de manejo sustentável de sempre-vivas “com base em critérios científicos, técnicos e conservacionistas”. No entanto, experiências de manejo de Eriocaulaceae em outras regiões do País, e informações técnico-científicas reunidas pelos participantes do seminário permitem listar, a seguir, pontos importantes para que boas práticas de manejo possam ser propostas e discutidas com extrativistas, comerciantes, proprietários de áreas de extrativismo

e cultivo de sempre-vivas na região de Diamantina, MG.

(i) A importância da sobrevivência das plantas adultas e da reprodução vegetativa para a manutenção de populações de sempre-vivas. Para espécies herbáceas perenes e capazes de diversas florações ao longo da vida, como é o caso da maioria das sempre-vivas, a sobrevivência de adultos é importantíssima. Atividades que causem aumento de mortalidade de plantas adultas podem ter efeitos negativos muito drásticos na demografia das plantas. Portanto, é importante atentar para épocas e técnicas de colheita das hastes florais de sempre-vivas para que a parte vegetativa das plantas (roseta, pé, raiz, sapata) não seja desenraizada.

Coletores experientes da região de Diamantina dobram levemente a parte inferior das hastes no momento da colheita para evitar que a planta seja arrancada ao puxar as hastes florais. Ao garantir a sobrevivência das plantas após a colheita das hastes, possibilita-se que esta planta produza mais hastes florais nos próximos anos, além de permitir que esta planta se reproduza clonalmente,

gerando novas plantas que também poderão produzir hastes florais no futuro.

(ii) A época de colheita das hastes é determinante para o valor comercial e influencia os efeitos da colheita sobre as plantas e suas populações. A maior parte das espécies de sempre-vivas comercializadas no atacado tem maior valor comercial quando as hastes ainda estão em flor, ou seja antes da produção de sementes. Este fato tem pelo menos duas implicações importantes:

(a) a colheita de hastes em flor aumenta a probabilidade de desenraizamento das plantas, caso a colheita não seja feita de forma adequada, observando as técnicas de colheita desenvolvidas localmente que minimizam risco de morte das plantas; (b) a colheita de hastes antes da produção de sementes diminui as chances de reprodução sexuada (via sementes) nas populações de sempre-vivas. Para garantir a manutenção das populações destas plantas, sua reprodução e diversidade genéticas, a prática do restolho é conhecida na região.

(iii) O restolho - deixar que uma determinada proporção de plantas não seja colhida, para permitir

a manutenção da população e produção de sementes – é relatado como prática de manejo comum entre extrativistas e proprietários de áreas de cultivos de sempre-vivas. Muitas vezes o restolho é definido como uma porcentagem do total de plantas. É importante destacar, no entanto que as áreas são de uso comum, e que nem sempre é possível para um extrativista determinar se já houve coleta de sempre-vivas antes de sua chegada. Além disto, a prática de “rescaldo” é bastante comum – ou seja, extrativistas irem às áreas de colheita colher as hastes florais restantes, após a colheita ter sido realizada. Estes fatos dificultam o estabelecimento de uma porcentagem de plantas que devem não ser colhidas, visto que a cada nova visita a área o número total de plantas floridas diminuirá e portanto, o mesmo aconteceria com a porcentagem a ser deixada sem colher. Diante disto, uma proposta mais facilmente implementável seria o estabelecimento de uma área física, demarcada, em cada campo de colheita que seja deixada sem colher, como restolho.

(iv) Uso do fogo – tanto o conhecimento tradicional quanto estudos científicos indicam que há maior floração em áreas com menor

cobertura vegetal (macega). Quando esta cobertura vegetal diminui, devido à passagem do fogo, ou à roçagem ou aragem, a proporção de plantas floridas aumenta. É importante lembrar que tanto o fogo quanto a aragem provocam a morte de muitas plantas (semprevivas e outras) e por isto não devem ser usados com grande frequência. Não há estudos detalhados sobre os impactos da passagem frequente de fogo na comunidade vegetal e animal dos campos de colheita de sempre-vivas na região de Diamantina, MG. No entanto, de modo geral, pode-se dizer que queimadas com intervalos de menos de três anos tendem a ser prejudiciais para grande número de plantas, acarretando na diminuição da cobertura vegetal, empobrecimento e erosão dos solos.

(v) Há grande número de espécies de sempre-vivas comercializadas, portanto é necessário priorizar ações de manejo e fiscalização. Alguns parâmetros são importantes para tais priorizações: (a) espécies podem ser agrupadas de acordo com o volume comercializado e o grau de ameaça, por exemplo, as espécies de endemismo restrito que são comercializadas no mercado atacadista in natura devem ser alvo prioritário de ação (Comanthera

magnífica); (b) as dezenas de espécies comercializadas podem ser separadas em grupos de acordo com suas formas de vida (p. ex. margaridinhas, botões e jazidas) e com suas épocas de floração e colheita.

(vi) Em geral, as sempre-vivas produzem uma grande quantidade de sementes com percentual de germinação alto, necessitando de áreas abertas, com sol intenso, germinando e se desenvolvendo em solos ácidos, distróficos, arenosos ou pedregosos, ou orgânicos/turfosos. Ocorrem naturalmente em áreas de campos gramíneos ou brejosos, com umidade variando de encharcado em grande parte do ano, onde o lençol freático aflora, a úmido em períodos curtos do ano. A competição por luz com outras espécies herbáceas e arbustivas provavelmente provoca a diminuição das populações e produtividade nos campos, o que justifica a utilização do fogo no manejo. A partir de informações de técnicos, pesquisadores e comerciantes, o manejo das sempre vivas não exige trato cultural intensivo, dispensando o uso de defensivos e adubos, podendo inclusive realizar o cultivo em áreas degradadas e o manejo em áreas de ocorrência natural com o incremento

das populações de cada campo com sementes produzidas por indivíduos de espécies nativas de cada área. Estas informações devem ser levadas em conta ao se planejar ações de cultivo e/ou enriquecimento de áreas para a colheita de sempre-vivas, visto que esta atividade extrativista e/ou de cultivo tem potencial de gerar renda para comunidades locais com impacto ambiental relativamente pequeno, especialmente se diretrizes de manejo forem estabelecidas e acompanhadas de forma colaborativa.